

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; FEITOSA, Lourdes Conde & SILVA, Glaydson José da. (orgs.) *Amor, desejo e poder na Antigüidade*. Relações de gênero e representações do feminino. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

*Fábio Vergara Cerqueira**

A obra *Amor, desejo e poder na Antigüidade* constitui uma coletânea de artigos de pesquisadores brasileiros (com a exceção de uma pesquisadora de língua espanhola) dedicados ao estudo da Antigüidade Oriental e Ocidental, referentes à temática do gênero e da feminilidade. Trata-se de um tema de relevância na pesquisa histórica das últimas duas décadas. Recentemente, foram publicados no Brasil alguns livros com recortes temáticos específicos sobre a mulher no Mundo Antigo, com destaque ao trabalho de professores da UFRJ sobre a mulher em Atenas. No entanto, até o momento, o público brasileiro não dispõe de nenhuma coletânea de estudos de referência sobre o assunto. Nesse sentido, a obra proposta vem preencher uma lacuna, muito tendo a contribuir: atende a curiosidades históricas gerais do público, que desenvolve crescente interesse pela história de gênero, bem como a demandas acadêmicas, sendo comum o direcionamento de leituras dos estudantes universitários para esse assunto.

Não se pode dizer que a temática em si seja original, uma vez que muitos estudiosos vêm direcionando direta ou indiretamente suas pesquisas nessa direção. No entanto, muitas abordagens ou recortes temáticos são bastante originais, como a representação feminina nas fábulas ou o papel da mulher na arte da magia. Profundamente atualizada com o debate historiográfico contemporâneo estão as reflexões de ordem teórica sobre a

* Professor doutor de História Antiga do Departamento de História e Antropologia da Universidade Federal de Pelotas.

problemática do gênero e da feminilidade, devidamente inseridas no contexto de pesquisas sobre a História Antiga com fontes bastante variadas.

A organização da coletânea constitui, com certeza, uma iniciativa legítima e necessária, que não esgota de forma alguma o assunto, mas estimula uma discussão sistemática da história de gênero no Mundo Antigo, ao mesmo tempo em que cria um importante instrumento de pesquisa.

Apesar de constituir uma obra de provável impacto acadêmico, sua estrutura de coletânea de artigos dificilmente seria bancada por uma editora comercial, até porque o perfil dos autores é muito variado, contando com a colaboração tanto de pesquisadores de renome nacional e internacional, como de mestrandos em início de carreira acadêmica. Alguns dos textos, de enfoque predominantemente teórico e historiográfico, poderiam encontrar certa dificuldade em ter acolhida em editoras comerciais.

A obra trata com atualidade a discussão histórica sobre a questão do gênero e da feminilidade, evitando tanto a abordagem essencialista do feminino (que tratava a mulher, enquanto agente histórico, como algo já dado); associa-se assim à visão de que o feminino, bem como o masculino, são construções históricas, não havendo um perfil masculino ou feminino inerente à natureza. Essa posição teórica permeia a maioria dos artigos que se propõem refletir teoricamente sobre a questão do gênero, sendo comum entre os autores a superação da visão que predominou entre os anos 60 e 80, quando se seguia a aceção de um mulher já dada, natural, como paradigma fundante do caráter que o movimento feminista assumia naquelas décadas. Vários autores afirmam que estudar gênero não é estudar a mulher, enquanto manifestação natural e biológica, mas sim estudar de forma relacional a construção do feminino e do masculino na história – ou melhor, dos femininos e dos masculinos, uma vez que as sociedades apresentam uma diversidade interna muito grande quanto a construções de feminilidade e masculinidade.

Outra qualidade da obra é sua diversidade de assuntos e pluralidade de abordagens teóricas. Em diversos artigos, são feitas considerações de ordem teórica e historiográfica bastante significativas para o estudo de gênero em geral e especificamente na Antiguidade. Do ponto de vista do conteúdo, o assunto é tratado de diferentes perspectivas temáticas e teórico-metodológicas.

Uma característica da coletânea, comum a coletâneas temáticas, é o aspecto desigual do conjunto. Isso significa, por um lado, diferença de qua-

lidade dos textos, bem como de profundidade e atualidade das reflexões, mas significa também, por outro, de forma positiva, a possibilidade do leitor de tomar contato não somente com diferentes temáticas, mas também com diferentes matizes teóricas.

Margaret Bakos, usando-se de documentação de natureza jurídica, desenvolve um interessante estudo sobre a mulher no direito de família egípcio. Ciro Flammarion Cardoso, após uma profunda e procedente reflexão historiográfica sobre a temática do gênero e do amor, parte das fontes literárias, devidamente problematizadas enquanto instrumento documental, para estudar o lugar do gênero na estrutura familiar, a posição da mulher em face do casamento e da herança, bem como as inserções femininas dentro e fora de casa. Desse modo, estes dois notáveis egiptólogos brasileiros disponibilizam para nossos leitores um estudo sobre a situação da mulher egípcia, focada a partir de fontes distintas: a documentação jurídica e a literatura ficcional.

Outros artigos escolhem a influência feminina sobre a vida comunitária. Essa problemática é trabalhada de formas distintas. Duas autoras dedicam-se ao estudo de dois perfis biográficos de mulheres notabilizadas pelos autores antigos em função de sua grande influência política. Pilar Rivero, partindo de uma detalhada reconstituição do cenário internacional que envolvia o Egito e Roma no séc. I a.C., teve o mérito de mostrar com detalhes o caso específico de Cleópatra VII, uma mulher que exerceu uma enorme influência política na condição de faraona. Ana Teresa Gonçalves estuda um perfil feminino bastante distinto, mas que igualmente alcançou grande projeção política: Júlia Domma, que influenciou os destinos de Roma e foi muito prestigiada como detentora de um poder associado ao Império, a qual era uma figura que exercia um enorme poder sobre uma sucessão de imperadores, devido aos laços familiares (esposo, filhos e sobrinho-neto). As análises, porém, são radicalmente distintas: Pilar Rivero segue uma descrição factual positivista tradicional, apegando-se a uma narrativa de reconstituição de contexto e acontecimentos presa ao pé da letra dos textos antigos. Ana Teresa Gonçalves procede a uma espécie de antropologia política, analisando as dimensões simbólicas e efetivas dos vários e duradouros poderes de Júlia Domma.

Alguns artigos destacam igualmente os espaços de influência feminina na vida comunitária, fazendo-o, porém, de uma perspectiva mais social e cultural, não se atendo ao estudo de grandes vultos femininos. O artigo de

Marta Mega de Andrade destaca os espaços de inclusão do feminino na *pólis*, nada obstante a radical exclusão da esfera político-governamental. Tanto Marta Mega Andrade como Renata Cardoso Beleboni destacam a religiosidade como um espaço de poder feminino. É preciso dizer, no entanto, que há uma certa redundância entre esses artigos, sendo o artigo de Marta Mega de Andrade mais profundo, enquanto o outro limita-se a anunciar a problemática. Já o artigo de Regina Cândido enfoca a influência e a imagem de mulheres associadas à magia – novamente aqui encontramos um enfoque antropológico da inserção do feminino, de um micropoder que em certa medida inclui, mas que ao mesmo tempo exclui, pelo fato da magia ser relegada a um estatuto de marginalidade religiosa, apesar de sua forte presença no cotidiano.

Alguns artigos abordam a temática do gênero a partir de uma abordagem simbólica, destacando a associação do feminino e do masculino a qualidades e defeitos de animais. Esse é o caso, por exemplo, do artigo de Maria Celeste Dezotti e Eliane Quinelato sobre a representação do feminino nas fábulas. No estudo da mulher na sociedade romana, a coletânea oferece igualmente um artigo com enfoque simbólico: Gladyson José da Silva mergulha na *Ars Amatoria* de Ovídio, revelando-nos uma série de construções e imagens sobre o feminino.

Duas autoras abordam a questão do feminino no estudo de mitos gregos. Enquanto Flávia Regina Marquetti estuda a imagem de Afrodite/Vênus, Maria Augusta O. Pimentel, em seu texto *A Tapeçaria História: Gênero e Mito*, apresenta uma ampla reflexão teórica, bastante procedente à luz do debate historiográfico atual, destacando, ao longo de uma revisão sobre distintos postulados teóricos elaborados no séc. XX, a tensão entre natureza e historicidade na constituição do gênero. Finalmente, propõe uma reflexão sobre a questão de gênero no pensamento grego a partir do estudo de alguns personagens mitológicos, com destaque a Atena.

Bastante procedente e necessário numa coletânea sobre a mulher na Antigüidade é o artigo de Maria Aparecida O. Silva sobre a mulher espartana. Problematiza a questão tanto quanto ao seu significado nos autores antigos, como quanto ao seu enfoque na historiografia moderna, mostrando como a oposição entre a mulher espartana e ateniense ocupa um espaço na representação desses dois regimes políticos antagonísticos.

A Arqueologia não poderia estar de fora e é a arqueologia de Pompéia que inspira dois artigos bastante originais, consistentes e de repercussão

acadêmica: o estudo do lugar do feminino na erótica que as ruínas de Pompéia nos revelam, no artigo de autoria de Lourdes M. Conde Feitosa, e o imaginário religioso e sexual constitutivo da significação dos falos representados nos grafites de Pompéia, abordado por Pedro Paulo Abreu Funari.

Zélia Cardoso de Almeida retoma a discussão clássica sobre a validade da documentação literária para o conhecimento da história social. Embora aponte uma série de limitações ao uso da literatura ficcional como fonte para o conhecimento da condição da mulher na sociedade romana antiga, percorre alguns autores da poesia latina para nos apontar como, através da representação de suas amadas, conhece-se uma construção de imagem sobre um segmento social das mulheres na Roma antiga.

A coletânea, como não poderia deixar de ser, é concluída com o artigo de Sílvia Márcia Alves Siqueira que trata da radical modificação da situação da mulher no cristianismo. Não somente estuda alguns importantes autores da patrística, como demonstra que, independentemente da expansão do cristianismo, a própria sociedade romana já vinha vivenciando profundas mudanças na forma em que os gêneros vivenciavam suas afetividades e sua coexistência familiar. Enumera uma série de exemplos que apontam a posição de destaque que algumas mulheres exerceram na expansão do cristianismo, apesar da exclusão feminina do sacerdócio, atividade na qual as mulheres tinham bastante importância no contexto greco-romano.

Numa avaliação geral, a coletânea é de alta qualidade, retratando os resultados de pesquisas feitas em diversos pólos universitários brasileiros. A vantagem do formato como coletânea de artigos está em vários aspectos: em permitir a pluralidade de autorias, a diversidade de abordagens teóricas, a representatividade nacional no grande número de universidades com autores participando da publicação; está na variedade de culturas antigas estudadas e de objetos e fontes distintas que são alvos de estudo.